



## Mal du Siècle

Jefferson Adriã Reis  
jeffersonadriareis@gmail.com

Gosto de manter as janelas sempre fechadas. Tenho esse costume de antecipar a noite. Não sou como as pessoas que buscam liberdade no espaço ou nas outras pessoas, procuro pela liberdade dentro de mim, onde há um garoto que dança ouvindo a música. Ele rodopia no vazio. Não sente tanto medo, nem mesmo da morte. Quero ser jovem para sempre e ele será. Ninguém deve pensar, no entanto, que esse garotinho sou eu. Nem mesmo o tenho, ele apenas me habita.

A luz da rua entra em meu quarto através do vidro embaçado da janela entreaberta, as cortinas brancas tremeluzindo. Ponho-me de pé, virado para a porta. Lá fora, o barulho do vento nas árvores e o ranger do portão. Minha irmã finalmente entra em casa. Ouço a motocicleta de seu namorado arrancar. Na tela de meu computador há uma nova mensagem. Não respondo agora. Fico em silêncio. Sei da dor que existe no mundo, sobretudo em minha casa.

– Abre a porta, sei que você tá aí, sempre vou saber—Natasha bate, tentando ser silenciosa. Saio de meu transe e giro a chave. Parada em meu umbral, não pousa em minha lareira porque não tenho uma. Desliza como um fantasma. É assim que gosto de pensar sobre ela. Mãos cadavéricas e olhos profundos pintados de preto.

– Entra, Natasha, me cubra com seus problemas.

Seu sorriso é quase um choro. O sorriso de minha irmã dói porque é meu.

– Preciso que guarde isso pra mim—em sua mão, um pequeno embrulho. Olho para aquilo com tão profunda desesperança que minha vontade é comer o pacote e o conteúdo de uma só vez. Depois engolir a cadeira, a mesa, o computador, a cama,

a casa inteira, Natasha, meus pais. Se eu pudesse, engoliria o mundo e seria o rei dos Titãs. Não haveria veneno algum para me fazer vomitar tudo.

– Você sabe como é perigoso ter essas coisas em casa. Por que faz isso? Por que se arrisca por ele se não acredita no amor?

Seus grandes olhos de caramelo brilhando para mim.

– Quem disse que tudo isso tem a ver com amor? Nunca ouviu falar em dinheiro?

Sempre com uma resposta. Lógica, métrica, crítica. As palavras do mundo com suas almas passam pela boca dela e perdem o sentido, restando apenas uma espécie de base. Sua linguagem não é técnica, é crua. Somos polarizados. As mesmas palavras passam por minha boca e ganham novos sentidos. Quase sempre frios e descrentes. Meu vocabulário é congelado para significar minha alma. Às vezes me falta como dizer porque o que tenho para falar não pode ser traduzido pela linguagem.

– Como saberei que esta é a última vez?

– Nunca saberá. Mas, por favor, guarda pra mim. O pai anda muito desconfiado. Ontem revistou meu quarto. Revirou tudo e nem arrumou depois. Ele não entra aqui. Ninguém entra aqui. Isso aqui é uma base militar fortificada.

Agarro o embrulho, abro meu guarda-roupa e afasto as camisetas. Aqui não! Olho o pequeno baú no canto. Natasha vai até ele e o escancara. Quando éramos crianças, eu não deixava que tocasse nele, o lugar onde guardava e ainda guardo meus brinquedos.

Vejo minha irmã, com nove anos, magoada porque a expulsei do quarto e fechei a porta. “Só queria brincar com você”, ela diz com a voz embargada. Um segundo, três segundos, cinco segundos. Abro a porta. “Vamos brincar lá fora”. No quintal, chuto a bola com força e acerto o vidro da janela da cozinha, que quebra. “Fui eu, mãe”, ela assume em meu lugar, quando a genitora aparece furiosa. “Menina má!”.

– Acho que chegou a hora deles se divertirem—a voz da Natasha adulta destroça a voz da Natasha criança.

Afasto meus dinossauros, meus bonecos, meus carrinhos de corda, meus animaizinhos de borracha. O embrulho fica lá embaixo, soterrado de criança. Penso em minha infância e não me importo, não me importo comigo. Como pode alguém não se importar? Quero chorar, chorar, chorar. Chorar brincando de ciranda. Não me importo com meu passado. Isso dói. Fui um garoto solitário e agora sou um cara que

se perde tão facilmente em pensamentos. Não há nada químico em minha mente, que desmorona como uma montanha de gelo. Sou uma avalanche.

– Sou uma avalanche— sussurro com olhos vidrados.

– O que você disse?

– Quer ouvir o sonho que tive hoje?

Natasha, sentada em minha cama, as pernas expostas pela minissaia, me olha desanimada. Ela é tão transparente que não sabe nem mesmo fingir interesse.

– Desde que não seja longo. Você tem mania de sonhar longamente.

Não sou culpado por sonhar longamente, tampouco por sonhar sempre sonhos ruins. Não sei se tenho mais medo do mundo real ou dos sonhos. Penso em Natasha como um robô. Antes de se colocar para carregar, programa 15 minutos de sonhos bons. Ela está dançando até o chão, seu namorado bebendo por perto. Depois eles se furam juntos e choram. Não, essa parte não estaria no sonho bom de garota. Mas eu sei das coisas escondidas na fala dela, no olhar dela. Minha irmã é uma coisa que eu sei.

– Não é tão longo. Posso fazer um resumo. Se bem que minha professora diz que Literatura não se resume. Também penso assim dos sonhos.

– Sonhos não fazem sentido, são apenas idiotices.

– Mais uma vez o mundo estava acabando. Estávamos em uma casa que não era essa. E havia uma mata muito alta nos fundos dela. Sabíamos que atrás das árvores estava a cidade. Não sei como, mas sabíamos. E então um avião muito estranho cortou o céu naquela direção pegando fogo. Explosões além da floresta. De repente, carros sendo jogados para cima. Será que um dia me esquecerei disso, Natasha? Mais de 30 metros no ar. Podíamos vê-los subindo e descendo. Imagine então o que não estaria acontecendo com as pessoas na cidade.

– Cara, você é sempre tão trágico.

– E simplesmente não tinha como fugir. De uma forma ou de outra, iríamos morrer. Algumas pessoas começaram a correr, fiquei preocupado com as crianças. No entanto, a única coisa que fiz foi caminhar em direção a uma faca e estender meus pulsos para cortá-los. Seria melhor morrer por minhas próprias mãos a esperar aquelas coisas me pegarem. Mas então surgiu a mãe, chorando. Natasha, tenho tanto medo de sonhar. Surgiu a mãe e me estendeu o braço também. Agarrei-o e coloquei

a faca nele, mas não consegui. Disse a ela: “Não, não vale a pena. A morte deve acontecer naturalmente”.

Terminei de contar o sonho chorando. Será que aquela sensação inominável jamais teria fim? Como em um sonho, não sabia como havia começado, mas agora estava ali, definhando-me lentamente. Natasha me olhava assustada. Talvez não soubesse como me ajudar. Meu mundo sempre fora estranho a ela, que se aproximava somente até surgirem os espinhos. Os monstros, os espelhos, a água, os anjos, tudo meu. Mesmo assim eu falava, ela me entendendo ou não. Ao menos não me sentia tão cheio. Há água dentro de minha cabeça, tenho quase certeza. Essa água inunda tudo e chega até meus olhos, então vejo tudo aguado.

– Não quero que pense nisso. Jamais. São esses livros que você lê, esses filmes fantasiosos demais. Pare de se importar com o silêncio. Não precisa fazer jus a seu nome, maninho. Nosso pai é fascinado pela História, Império Romano e não sei mais o quê, e você é obcecado pela ficção. O que fiz para merecer essa família? Por favor, não coloque em seu filho o nome de Frankenstein.

Sorriso com lágrimas ainda escorrendo:

– Você sabia que Frankenstein é o sobrenome do criador e não da criatura?

– O quê?

– Mary Shelley...

Natasha suspira profundamente, então perco no ar o que tinha para falar. As palavras rodopiam em torno de minha cabeça. Gralhas que zombam de mim.

– Nada.

Outra mensagem no computador. Ele está me chamando. Natasha vira a cabeça para ver quem é, mas me levanto de súbito e desligo a tela.

– Quem é? Com quem você tanto tecla?—pergunta ela, entre sorrisos.

Tento disfarçar:

– Não é ninguém, apenas um amigo.

– Você não tem amigos—ela diz, se levantando.—Bem, talvez tenha um agora. Boa noite, Nero, e vê se dorme e sonha algo legal. Ou faça como eu, não sonhe com nada. Beijo!

A porta batendo, eu, girando a chave, depois a pele de meu rosto azulada pela luz do monitor. Estou conectado a milhões de pessoas de todo o mundo. Milhões de

sites e blogs disponíveis. Músicas, vídeos, filmes, obras de arte. Tudo o que preciso. Sou Teseu e estou no labirinto do minotauro. Ariadne está morta.

\*\*\*

Adrián diz: oi. kd vc?

Adrián diz: to esperando. pq ã responde?

Você diz: Desculpa, não pude responder antes. Minha irmã estava aqui.

Adrián diz: oi, vc demorou, q bom que ta aqui agora

Você diz: Verdade. Hoje meu dia foi estranho.

Adrián diz: pq?

Você diz: Sonhos ruins. E minha irmã me aprontou outra.

Adrián diz: ja ate sei oq ela fez

Você diz: Você sabe mesmo. Fez o de sempre.

Adrián diz: cuidado, isso é perigoso. ela pode te ferrar

Você diz: Eu sei, mas é minha irmã e eu a amo.

Adrián diz: pois eu odeio a minha

Você diz: Que horror! Não deveria dizer isso.

Adrián diz: Hahaha, to brincando

Você diz: Não sei brincar com o ódio.

Adrián diz: brinquei foi com a ideia dele

Você diz: Tem razão kkkkk

Adrián diz: qnd nos encontrarmos, posso te ensinar

Última mensagem recebida há 2 minutos.

Você diz: Como foi seu dia?

Adrián diz: foi diferente. minha vó chegou do mexico hj. trouxe umas coisas pra família. ganhei um sombrero e um sarape. agora me diga oq farei com isso?

Você diz: Deve ter ficado bonitinho vestido com eles, meu mexicaninho. Manda foto?

Adrián: só se mandar uma sua rrsrsrs

Você diz: Hoje não.

Adrián: *qd vou ver vc pessoalmente?*

*Última mensagem recebida há 1 minuto.*

Você diz: *Não sei.*

Você diz: *Faz quanto tempo que teclamos?*

Adrián diz: *quase dois anos de conversinhas*

Você diz: *É... É muito tempo. Isso me dá medo.*

Adrián diz: *medo, pq?*

Você diz: *Você poderia escrever um livro com tudo o que eu já lhe disse.*

Adrián diz: *vc tbm poderia escrever um sobre mim. isso ã é ruim*

Você diz: *Sim. Tenho pensado em nosso encontro. E se não nos dermos bem?*

Adrián diz: *impossível, gosto tanto de vc*

Você diz: *Gosta agora, mas e quando me ver?*

Adrián diz: *hein, somos amigos, ã é? isso é oq importa.*

Você diz: *Vou confiar nisso.*

Adrián diz: *pode confiar em mim, sem problemas. ã vejo a hr de te conhecer*

Você diz: *Mas você me conhece. Conhece até demais.*

Adrián diz: *eu sei. digo pessoalmente*

Você diz: *Viu só? Já está criando expectativas.*

Adrián diz: *vc ã quer me conhecer, é isso?*

Você diz: *Claro que quero. Se você soubesse o quanto quero isso.*

Adrián diz: *ã parece. sempre q marcamos, vc arruma uma desculpa*

Você diz: *Não é verdade. Nunca inventei desculpas.*

Adrián diz: *moramos na mesma cidade e dps de quase dois anos...*

Você diz: *Eu sei, parece um absurdo.*

Adrián diz: *ã vou te apressar. deixe as coisas como estão*

Você diz: *Como assim?*

Adrián diz: *vc parece ã confiar em mim*

Você diz: *Na verdade, preciso é que você confie em mim.*

Adrián diz: *mas confio em vc*

Você diz: *É meio complicado para mim.*

*Última mensagem enviada há 3 minutos.*

\*\*\*

Acesso a blogosfera. Blog Anjos de Mármore. Amanda postou outra poesia sobre suicídio. Leio, comento. Acesso o painel de controle de meu blog, três comentários aguardam moderação.

Marina comentou no post Mancha Na Pele: “Ótimo conto. Ou seria uma crônica? Gostei de sua perspectiva sobre a solidão, embora não tenha entendido algumas passagens. Continue escrevendo.”

Aceito o comentário, que é publicado em meu blog Seara de Vento.

Luiza Albues comentou no post Mancha Na Pele: “Mais uma vez me surpreendo com sua escrita. Você tem uma maneira peculiar de falar sobre coisas que sabemos existir e ignoramos. Tenho me sentido muito sozinha e me encontrei em seu post.”

Aceito o comentário.

Marcos Caveira comentou no post Travestismo: “Oi. Gosto do que você escreve, até mesmo das poesias, mas nisso ainda acho que você está verde. Na prosa acho que está atingindo um estilo, mas sua poesia ainda é muito confusa.”

Aceito o comentário, mesmo sem concordar. Confuso, na verdade, é o que me parece simples demais. Lembro-me de Adrián no bate-papo. Minha mensagem ainda está lá, sozinha, sem resposta. Um grito no abismo. Os ecos indo, indo, indo.

\*\*\*

*Você diz: Você está aí?*

*Ele se desliga sem se despedir.*

\*\*\*

Os sons da noite não me trazem sono. Se me deito, imagino escorpiões no travesseiro. Dia quente, noite fria, nesta terra de árvores tortas de casca grossa. As cortinas tremulando com o vento. Será que Natasha dormiu? O silêncio me perturba. Seleciono algumas músicas no computador. Até o som da guitarra é aguado. Imagino

o mundo afundando. A Terra bateu em um iceberg no espaço. Hipátia teria adivinhado que na elipse se escondia uma enorme pedra de gelo? Mas o planeta não se inclina como um navio. A água simplesmente vem. Sinto-a em meus pés. Ergo-os, as pernas cruzadas na cadeira. Em minutos isso já não me protege, a água está mais alta que a cama agora. Coisas boiando.

Ando pela casa imaginando fantasmas de garotas asiáticas nos cantos.

Abro a geladeira. Comer. Comer para mim é algo muito difícil. Às vezes faço naturalmente, mas, em outras tantas, preciso me concentrar e pensar que aquilo é essencial para minha sobrevivência. Coloco o alimento na boca e penso: “Agora mastigue”. Engulo e sinto a coisa na garganta. Até mesmo falar sobre isso é complicado. Se eu pudesse entender o motivo de complicar tudo. Algumas pessoas me olham com raiva, como se eu quisesse ser assim. “Sou um desesperado e você não pode me ajudar. Vou morrer sem que você me entenda”, tenho vontade de responder.

Mas agora quero comer, preciso disso. Procuro no armário uma bandeja. Uma maçã, um pedaço de bolo gelado, um copo de suco. Volto para meu quarto e deposito a bandeja na mesinha do computador, mas penso assim: “Preciso voltar lá e pegar um copo de água, se eu não fizer isso, algo de ruim pode acontecer”. No caminho de volta, entro no banheiro, o espelho é uma porta. Há um olho lá. Eu me olho. Meus cabelos crescem como cobras, sou medusa e assim quero ser. Tentáculos em minhas costas. Sou um monstro e me reconheço de dentro para fora.

Já que estou aqui, posso tomar um banho. Tiro minhas roupas como se tirasse minha pele. Banho é redenção. Se não, é evolução. No mínimo um momento para juntar novas energias, reciclar as já existentes. Às vezes faço uma espécie de ritual, penso em fadas, em ninfas, penso em Narciso à beira do lago. Mas não me apaixono por mim, eu me estupro. E a água leva minha oferta à coisa alguma. A mãe natureza é uma grande boca. O mundo tem tudo de mim, pois me entrego, mesmo estando aqui, entre quatro paredes, debaixo da água. Mas se você vive sozinho, você está vivo se ninguém vê você vivendo?

Nunca sei o momento certo, muito menos a velocidade de contar as coisas. Futuro não é futuro. Envelhecemos sem ter futuro. Enquanto estou no banho, imagino zumbis andando pela casa. Dizem que eles surgem nas horas mortas, quando

todos estão dormindo. A noite já me escolheu como parte dela, estão não sou capaz de despertar as horas. Deslizo pela cerâmica até o chão, o cheiro de sabonete me entorpecendo. Meus olhos vermelhos por causa da espuma, minha pele enrugada. Eu costumava gostar de mim, ter alguns amigos, agora isso parece outra vida. Reencarnei sem ter morrido.

Ando pela casa pingando água no chão. As garotas asiáticas nos cantos sorriem, mas escondem os lábios com os cabelos negros compridos. Sinto o frio de tudo. Às vezes acredito que sou um grande chamariz para a frieza do mundo. Meu torpor congela meu crânio, sou reptiliano. Parado em frente à porta do quarto de minha irmã, sinto vontade de bater e conversar. Se ela não fosse tão escorregadia. A culpa é minha, fiz com que se cansasse. Ela sabe que eu sei que sente medo de mim. Sente medo dessa coisa disforme que sou, sempre derretendo.

E então volto dançando para meu quarto. Deslizando meus dedos no ar, paro quando um peso muito bem conhecido cai sobre meu corpo: eu deveria saber cuidar de mim, deveria cuidar de mim. Mas me saboto. Perco noites inteiras de sono procurando desfazer esse vazio com música, literatura e, às vezes, unhas na carne. Deixo minhas unhas crescerem para poder me arranhar. Mas não dói, isso não pode me machucar. E deixo de comer para me sentir morrendo, mais fraco, mais vulnerável. Menino, ser doce não o salvará. Mesmo que tivesse estrelas nos pés, não existe fuga para sua solidão.

\*\*\*

*No computador, uma mensagem:*

*Adrián diz: fim do dia, 18 hs, praça do centro. estarei de vermelho*

*Não está mais online. Desconectou-se.*

\*\*\*

E me desespero. Não posso levar meu abismo até ele. Meus olhos fundos cheios de olheiras, minha pele pálida sem vida. Sou desinteressante. Não sou como Natasha, que curte a vida, se desloca, se realoca, transita entre a margem e o centro. Sou do

submundo. Adrián jamais entenderia. Ele, que durante dois anos foi meu melhor e único amigo, não me conhece além de algumas poesias, poucos contos. Se soubesse de meu corpo, poderia me oferecer amor? Mas nessa ciranda de loucos há tempo para tudo. E eu sempre soube que sonhos terminam quando acordamos. O que vem depois é a vida, muito mais assustadora e subjetiva.

As paredes do quarto, a cama, o guarda-roupa, o computador. Tudo impregnado de história e tudo me culpa. Não há como esquecer ou superar, pois não há como deixar de existir. Ele não perdoaria o não-encontro, mais-outra-não-resposta. E se eu deixasse, ao menos uma vez, o destino me levar para a forca ou para o Paraíso? Talvez um lugar ameno, entre o Céu e a Terra. Uma ilha flutuante, um pedaço do planeta que se descolou, deixando uma enorme cratera. As pessoas olhando assustadas o terreno se soltar, subir mais alto que os prédios e parar, flutuando nas nuvens. Lá eu estaria com Adrián, sem momentos de desvario, sem a dor do vazio.

E então me sento sozinho no silêncio. Minha seleção de música teve fim, não sinto mais fome, não quero dormir. Abro um programa de digitação, mas não sei o que escrever. Palavras não podem descrever o meu cansaço. Procuo por minha câmera fotográfica na gaveta. Na foto, apareço com o braço esticado, segurando o equipamento. Minha pele branca com algumas espinhas, meu cabelo negro ainda molhado, meus olhos castanhos escuros. Abro a janela do quarto e observo a rua. As luzes dos postes são desesperadamente alaranjadas. Em algumas horas o sol despontará em uma manhã fria, que logo se transformará em uma manhã quente, então tomarei meu café para chegar a uma escola de agressões. Pensando nisso, aninho-me na cama, como um feto na placenta.

\*\*\*

Quando minha mãe bate uma vez na porta de meu quarto para depois abri-la chamando meu nome, estico meu corpo e deixo meu olhar se perder em um horizonte que não existe. Como pode uma criatura como eu sentir esse amor? Amo minha família, mas me deixo morrer porque preciso de uma coisa que não sei o nome e sei também que essa coisa não existe. Minha mãe reclama da comida dormida na

bandeja, recolhe e diz para eu me apressar. À mesa, estão meu pai e Natasha, que precisa ir para o trabalho. Ela me olha fortificando nossa cumplicidade. Meu corpo dói, minha cabeça roda, a claridade me assusta.

Sem demorar, agarro minha mochila e ganho as ruas. Ando nos meios-fios, chuto coisas caídas no chão, furo sinais, esfrego meus olhos, espero o ônibus. E na escola, sinto uma dor enorme quando cruzo o portão. Nunca me senti bem aqui. Caminho e minhas pernas parecem se paralisar. Não sinto o piso de concreto, apenas ouço os sussurros. São tantos rostos, são tantas barreiras. Estralando os dedos e olhando para o chão, adivinho o caminho da sala de aula, onde, quase no fundo, ficarei mudo durante muito tempo. E lá está ele, parado junto à porta, sorrindo e conversando animado. Não me percebe, não me sabe, não me existe.

Em minha carteira, concentro meu olhar na superfície lisa e amarelada da mesa pensando em tudo o que meu estilo estragado de vida me fez perder. Deixei para trás coisas que me faziam bem, por simples egoísmo, e agora sustento em meu presente coisas que não me fazem bem e, pior, que chegam a me fazer mal, por simples paixão. Não sei exatamente como classificar esse lunatismo objetivo que me personifica e que me faz abandonar tantas coisas em tão pouco tempo, substituí-las por outras que também serão abandonadas. O que me resta é tamborilar os dedos esperando o tempo passar e ver no que vai dar.

Depois da aula, como um hambúrguer e tomo refrigerante na cantina. Então fico na biblioteca durante a tarde toda, ofendendo livros com minha ansiedade.

No caminho para a praça, é a mesma coisa. As garotas asiáticas me espreitando nas esquinas, nos reflexos da janela de vidro do ônibus. Os dias passam sem nenhuma palavra. Assusta-me minha capacidade de me isolar. Depois de tantas décadas, eis que ainda resiste um jovem do pós-guerra, cheio de tédio, sem voz, o nó na garganta. Mesmo assim, minha mente confusa insiste em acreditar que nem sempre as melhores coisas da vida estão nos momentos mais simples. Elas podem também estar nos momentos de maior capricho ou de maior entrega. Ou de maior complexidade.

Tanto faz pensar dessa forma ou acreditar que o homem nunca pisou na Lua. O ônibus corta a cidade enquanto o sol se põe. Nessa mesma sincronia, meu coração desperta e ocupa a posição central do céu de meu peito. Em alguns minutos estarei com ele, com Adrián, conversando em um banco de praça.

Desço assim que o ônibus para no ponto. Olho em volta. Pessoas correm pelo centro da cidade na hora de voltar para casa. Com mãos geladas, caminho até a praça tentando conter a respiração acelerada. De vermelho, ele estará. Penso em comprar um sorvete, mas desisto da ideia. “Não é ninguém. Apenas um amigo”, eu disse a Natasha. O mundo é um rodadozinho cínico que mistura as pessoas, testa as combinações. Os resultados de algumas são simplesmente deletados. Qual será o resultado de minha mistura com Adrián?

E lá está ele, atravessando a rua correndo. Assim como disse, usa uma camiseta vermelha, uma calça jeans e tênis baixos. Seus cabelos negros rentes à cabeça e a pele de nativo americano. Atravessa a praça e se senta em um banco não tão próximo a mim. Respiro e me levanto, é hora de me apresentar.

No colégio, minhas pernas se paralisam enquanto caminham, mas agora as tenho bambas, como se não fizessem parte de meu corpo. Luto para andar em linha reta até meu melhor amigo secreto, que olha o telefone celular, provavelmente verificando as horas. Foram tantos dias imaginando esse encontro, esse momento. No entanto, sou sensível o bastante para saber o que me aguarda. Alguns erros deveriam ter perdão, mas nem sempre isso é o que acontece. Ao levantar a cabeça e me ver tão próximo, mostra-se confuso.

– Nero, o que você tá fazendo aqui?

O nó em minha garganta faz com que eu pense que vou gaguejar, mas digo naturalmente:

– Oi, Adrián, precisamos conversar.

Ele, o menino que nunca foi meu amigo na escola, apenas um colega distante, não me reconhece como deveria. Tão difícil dizer, tão terrível pensar sobre isso. É incrível o que a solidão incita as pessoas a fazer.

– Marcamos este encontro—contínuo.

– Não, cara. Você tá louco? Tô aqui pra encontrar outra pessoa.

Minha vergonha divide espaço com uma mágoa reclusa, espantada.

– Em dois anos você não foi capaz de reconhecer em mim a pessoa com quem conversa toda noite?

Seus olhos em fúria. Ninguém pode me salvar.

– Não acredito... Isso é uma brincadeira?

Em pé, ele agita os braços. Respira profundamente tentando entender.

– Sou um escritor—contínuo—e tenho pseudônimos. Um deles é Francine.

O que sinto nesse momento é único. É a morte. Não a reencarnação, mas a sensação de diminuir, diminuir até desaparecer. Eu mesmo me mato, mato uma parte minha, a única que até então ousara sentir qualquer coisa além de vazio.

– Como assim? Então a Francine não existe?

Tudo era mais difícil do que eu imaginava:

– Estou aqui para pedir perdão e me apresentar como deveria ter feito desde o começo. Meu nome é Nero, seu colega de classe. A Francine existe sim, é uma parte minha. É ela quem escreve no blog, foi ela quem você conheceu. Mas quero que saiba, o sentimento de amizade se estende até mim.

Adrián balançando a cabeça, dando passos para trás:

– Você me fez acreditar que se chamava Franciele e que assinava aquele blog como Francine. Você é louco? Seu mentiroso, eu deveria te dar um murro agora. Por que fez isso comigo? Você brincou com a minha cara. Nós trocamos segredos. Se é que tudo o que me disse é realmente verdade.

A brisa da noite leva para longe o dia quente. Não choro.

– Foi tudo real, eu apenas tive medo de que, no começo, você não quisesse ser meu amigo. E com o passar do tempo, não pude revelar meu verdadeiro nome. Franciele, Francine, Francesca, o que importa?

– E as fotos que me mandou?

– São de uma garota do Rio Grande do Sul.

Meu rosto acolhe o golpe. O lábio maldito se parte. Com o impacto, cambaleio para não cair. Ah, meu sangue, meu sangue é quente!

– Meu sangue é quente—digo fascinado, depois de me equilibrar e passar os dedos no corte.—Meu sangue é quente e vermelho, sempre o imaginei frio.

Meu olhar encontra o chão de pedra, os pés de Adrián. Levanto a cabeça. Sinto o sangue escorrer. Por um momento, sou Adrián olhando para mim: me vejo sanguinário, vampiro, a boca nojenta.

– Não me procure mais, não tente me enganar novamente pela internet e jamais fale comigo na escola. Não confio em você.

Ádrian parte. Os restos mortais de Francine ficam pelo chão.

Minhas irmãs de pedra dançam no jardim enquanto me embriago com o cheiro de minha pele. Em mim há lobos e cordeiros. Em mim há paixão e indiferença. Em mim há precipícios e balões. Tudo adormecido, esperando o anúncio dos gigantes. Sinto o gosto desse tempo, um tempo que é meu e me tem. Minha carne grudada no piche, meu amor me atropelando com um Plymouth Fury. Um turbilhão de fantasmas que abandono. Já não me lembro o nome de vocês.

Mais leve, decido caminhar de volta para casa. Observo as pessoas anoitecerem. Não sei o nome de ninguém, e por que isso deveria me importar? Ninguém sabe meu nome também, um nome de água. Sou um bicho que sempre senti muito, que já nasceu assim, desmotivado. Não tenho vontade de caminhar mais rápido, muito menos devagar. E é assim que me aproximo do ninho. As estrelas tentando sorrir, as nuvens tapando-as, imperdoáveis.

Em minha rua, os vaga-lumes gigantes. Suas luzes vermelhas tingidas de orvalho. Olhos de compreensão, sem medo. A alguns metros de casa, sento no meio-fio. “Eu avisei”, penso. Avisei tanto a ela. Meus vizinhos saem de suas casas para observar, meus pais estão desesperados na calçada. Minha mãe chora, mas não adianta, eles a levarão. Então vejo, como em câmera lenta, Natasha sair de casa algemada. Assim como eu, não chora. Então flutuo até lá, chego de mansinho, tentando não ouvir os policiais. Em meio à balbúrdia, nossos olhos se encontram. Cumplicidade. Vejo-me colocando fogo em tudo, e por um segundo existem chamas em meu olhar. Mas começa a chover e eles a colocam na viatura.